

MUNDO DOS MUNDURUKU: UMA EPISTEME QUE NÃO É MITOLÓGICA

Estélio Lopes Cardoso Munduruku¹
Adnilson de Almeida Silva²

RESUMO:

Este trabalho tem como objetivo demonstrar que os saberes dos ancestrais Munduruku têm resistido há séculos no mundo ocidental. O estudo busca trilhar no mundo do saber Munduruku, mediante abordagem das matrizes culturais da cosmovisão indígena. No Munduruku, o cosmo é vivenciado a partir das relações ligado a natureza como os elementos do saber com a água, terra, floresta e animais, incorporados a estes surgem os invisíveis ligados à espiritualidade de cada elemento, ou seja, como significados e significantes no modo da igualdade sociocultural. O respeito aos atributos da floresta é essencial. A episteme está conectada às raízes históricas Munduruku, as quais acreditamos ser parte concreta e abstrata da natureza. As histórias de nossos avós contadas oralmente dizem que todo elemento pode ser o pai, mãe e avó na sabedoria indígena. O escopo deste trabalho é viajar no conhecimento das descobertas do mundo Munduruku e compreender a episteme a partir da origem do saber e da cultura ancestral, não sendo mitológico. A metodologia se ampara em análise qualitativa baseada na fenomenologia, entendendo que as vivências e compreensões mantêm as relações vivas na natureza a partir da afetividade do sujeito, conforme Sposito (2000). Contudo, foram necessários realizar, sobretudo, pesquisas bibliográficas em consonância com Gil (2002), por meio de livros, artigos, dissertações e teses de autores indígenas e não indígenas que abordam a temática. Ao longo do trabalho será colocado um constructo apresentado nos resultados a partir da sabedoria Munduruku, por meio da ótica ancestral que não é uma ideia mitológica.

Palavras – chave: Saber Oratório, Cosmologia Munduruku, Submundos, Elementos Culturais, Seres Concreto.

ABSTRACT

This work aims to demonstrate that the knowledge of the Munduruku ancestors has survived for centuries in the Western world. The study seeks to explore the world of Munduruku knowledge, through an approach to the cultural matrices of the indigenous worldview. In Munduruku, the cosmos is experienced from relationships linked to nature such as the elements of knowledge with water, land, forest and animals, incorporated into these emerge the invisibles linked to the spirituality of each element, that is, as meanings and significant in the mode of sociocultural equality. Respect for the attributes of the forest is essential. The episteme is linked to the Munduruku historical roots, which must be a concrete and abstract part of nature. The stories of our grandparents told orally say that every element can be the father, mother and grandmother in indigenous wisdom. The scope of this work is to travel in knowledge of the discoveries of the Munduruku world and understand the episteme from the origin of knowledge and ancestral culture, not being mythological. The methodology is based on qualitative analysis based on phenomenology, understanding that experiences and understandings keep

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual do Amazona – UEA; Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia (PPGG/UNIR); Pesquisador do Grupo de Pesquisa Geografia, Natureza e Territorialidades Humanas – GENTEH/UNIR. E-mail: esteliocardoso70@gmail.com

² Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR; Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; Professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia (PPGG/UNIR); Líder do Grupo de Pesquisa Geografia, Natureza e Territorialidades Humanas – GENTEH/UNIR. E-mail: adnilson@unir.br

relationships alive in nature based on the subject's affectivity, according to Sposito (2000). However, it was necessary to carry out, above all, bibliographical research in line with Gil (2002), through books, articles, dissertations and theses by indigenous and non-indigenous authors that address the topic. Throughout the work, a construct will be presented in the results based on Munduruku wisdom, through an ancestral perspective that is not a mythological idea.

Keywords: Oratory Knowledge, Munduruku Cosmology, Underworlds, Cultural Elements, Concrete Beings.

INTRODUÇÃO

Os saberes dos ancestrais têm resistido há séculos no mundo ocidental e na perspectiva da atualidade contemporânea o conhecimento indígena tem percorrido sucessivas gerações, devido ao uso da técnica do ensino oratório criado pelos povos originários. O estudo busca percorrer as trilhas do mundo do saber Munduruku mediante as perspectivas oportunizada pelas matrizes culturais de sua cosmovisão e percepção da vida.

Neste sentido, o texto se ancora na abordagem de Barreto (2021), a qual considera que o cosmo é vivenciado no território porque nele estão os principais elementos do saber como, a água, terra, floresta e animais. Incorporados a estes surgem os invisíveis ligado à espiritualidade de cada elemento, ou seja, transporta significados e significantes no modo da igualdade sociocultural, o respeito aos atributos da floresta como elemento essencial e principal para a vivência e experiência dos povos indígenas.

Sob tal ótica, a episteme está conectada às raízes históricas Munduruku que acreditamos ser parte indissociável entre o concreto e abstrato da natureza. Isto é, na perspectiva dos povos indígenas, conforme pondera Krenak (2019) todo elemento pode ser o pai, mãe e avó na sabedoria ancestral, com isso ultrapassa a compreensão ocidental, visto que esta procura impor sua hegemonia.

A hegemonia ocidental considera que seu saber é superior ao dos povos indígenas, todavia, o tempo e a história se encarregaram de mostrar a veracidade dos fatos da cultura indígena como guardião da floresta. O escopo deste trabalho é viajar no conhecimento das descobertas do mundo Munduruku e compreender a episteme a partir da origem do saber, não sendo mitológica.

Mesmo frente às mudanças constantes, pela atuação direta da globalização presente em nosso modo de sociedade sociocultural, o conhecimento da visão de mundo para nós Munduruku sempre é visto com maior teor, porque a floresta propõe sua própria regra, logo

não é mitologia, mas a origem da existência de um povo. A mitologia foi colocada para invalidar a epistemologia indígena.

Neste sentido, propomos um diálogo entre os autores tanto teórico quanto prático e, assim, promover a desconstrução das histórias muitas vezes consideradas mitos, como por exemplo, o Curupira, o Boto, dentre outros. Dessa maneira a ideia colocada é do pensamento não indígena, ou seja, com invenção de histórias — que para nós é verdadeiro.

Ao longo deste trabalho será apresentado um constructo de pensamento originário presente nos resultados a partir da sabedoria Munduruku, que mesmo em interação com a sociedade ocidental mantém uma cultura de respeito com a natureza e seus elementos. Sobre isso, é sobreposto, a penalidade da mãe natureza no corpóreo Munduruku daquele que ousa desrespeitar o sagrado seja criança, jovens e adultos, visto que todos estes estão sujeitos a receber qualquer punição. A partir dessa reflexão é importante entender o valor da mãe natureza visto pelos ancestrais.

METODOLOGIA

A metodologia se ampara em análise qualitativa baseada na fenomenologia, de modo que as vivências e compreensões mantêm as relações vivas na natureza a partir da afetividade do sujeito, em conformidade com Sposito (2000). Para tanto, na construção do trabalho, foram necessários realizar sobretudo as pesquisas bibliográficas a partir das abordagens de Gil (2002), por meio de livros, artigos, dissertações e teses de autores indígenas e não indígenas que abordam a temática.

Neste sentido, o trabalho se insere ainda como observação participante (GIL, 2002), a qual foi realizada com envolvimento direto do primeiro autor em função de ser pertencente ao povo Munduruku. Importante destacar que o estudo é parte do resultado do trabalho da conclusão do curso na graduação em Geografia, mas que segue como aprofundamento de pesquisa nessa abordagem por meio da Geografia que dialoga junto das relações do homem com natureza. No mestrado, no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado-PPGG/UNIR-RO, estamos trabalhando com a temática da territorialidade Munduruku, cuja categoria de análise é o território geográfico, utilizado como base de sustentação da discussão sobre a origem Munduruku da Terra Indígena Kwatá/Laranjal no município de Borba, estado do Amazonas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O pensamento indígena sobre a ótica dos submundos existente na Amazônia, atravessa caminhos misteriosos que cada povo mantém de acordo com suas especificidades, a Amazônia em si, guarda esses mistérios que somente os ancestrais dominam com sabedoria. De acordo com os pajés nossos corpos são vulneráveis a esses males que atinge diretamente a espiritualidade, o corpo e a mente indígena e “cada cura pode seguir um caminho particular, como explicitarei acima, e isso é possível porque todos os locais sagrados estão conectados entre si por caminhos invisíveis, formando, digamos, uma cadeia de Pensamento”. (DURAN, 2010, p. 211).

Para Barreto (2022, p. 45) a “produção de cuidado do corpo, acionam os elementos curativos contidas nos vegetais, nos animais, nos minerais e os fenômenos naturais para abrandar as dores, curar as doenças e proteção da pessoa”, como somos seres pertencentes aos elementos da natureza, recorreremos aos processos de cura por orientações de uma medicina ancestral medicado pelo pajé ou por indígenas que sabem receitas de medições caseiras quando a doença da espiritualidade não é tão grave a saúde do indígena.

Nesse sentido, temos como exemplo as parteiras indígenas que cuidam do corpus feminino, antes, durante e depois do parto e pós-parto, elas exercem a função de enfermeiras com o conhecimento tradicional, e para os Munduruku da Terra Indígena Kwatá-Laranjal “as noções de saúde e bem-estar, desde uma perspectiva Munduruku, englobam as relações de aproximação e afastamento com os demais seres que habitam o cosmo” (DIAS-SCOPEL, SCOPEL, LANGDON, 2017, p.185). O autocuidado é levado muito a sério porque a aproximação dos seres encantados pode ser fatal e com a cura por meio dos elementos curativos faz com estes males que afetam o corpo e a alma se mantenha afastado de uma espiritualidade frágil e sem defesa.

O processo da medicação tradicional é uma autodefesa que o indígena deve ter para se proteger dos seres existente da natureza, “nessa perspectiva, corpo, território e ambiente constituem elementos que se articulam nas práticas de auto atenção à saúde” (DIAS-SCOPEL, SCOPEL, LANGDON, 2017, p. 185). O que apresentamos neste trabalho é apenas uma das representações vivas e concretas do mundo indígena, em específico ao do povo Munduruku do Amazonas. Os conhecimentos tradicionais indígenas se diferenciam de cada povo, ou seja, cada um com suas óticas sobre a natureza, mas estamos ligados em um fio

condutor de pensamento, aquilo que Krenak (2019) enfatiza a natureza como um grande cosmo, mas visto por diferentes olhares indígenas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo de Santos (1985) aponta que os ancestrais Munduruku tinham um rito próprio de cultivar a floresta e seus sagrados, viver da guerra era sua especialização e o território um verdadeiro palco de guerra colossal. A fama de serem cortadores de cabeça era como um vento que alcançava as copas das grandes e pequenas árvores, além do mais, os Parintintin os denominavam de “formigas vermelhas”, e outros apelidos como caras pretas, paiquerê.

Estes nomes foram dados pelos seus rivais, devido aos ataques mortais que eram realizados. Na guerra escapavam apenas mulheres, as quais passam a ser esposas dos homens solteiros, e as crianças eram adotadas pelas famílias Munduruku, de modo, com isso essas pessoas eram consideradas partes do povo Munduruku.

O território sempre foi palco de disputa interétnica, mas claro, as sabedorias sempre vinham dos mais antigos, pajés e caciques, por meio deles nos foi ensinado que a natureza tinha realidades e mistérios, visto que haviam “seres e agências considerados perigosos ou letais” (SCOPEL; DIAS-SCOPEL; LANGDON, 2018, p. 92). Deste modo, para viver na floresta é preciso trabalhar os órgãos sensoriais ao entrar na mata, bem como o ouvir, o sentir, o falar e o observar porque no território é marcado por singularidade de valores cósmicos, segundo Almeida Silva *et al.* (2015).

Os Munduruku se autodenominam como Wuyjuyu ou Wuy Jugu (nós, as pessoas, etc.). Conforme os ancestrais, ao adentrar na floresta é preciso silêncio, ouvi-la, pois, a natureza fala. Segundo, deverá ser sentido o abstrato de acordo como o ambiente é manifestado. Terceiro, falar quando for pedir permissão pra utilizar ou tocar qualquer objeto e observar sempre as mudanças, uma vez que determinada distração possibilita o perigo dentro da mata e faz o indígena se perder do caminho e não conseguir voltar para casa porque está sendo atraídos por melodias dos seres encantados que o faz caminhar em círculos pela floresta.

Estes fatos que acontecem no território indígena, integra parte do mundo que vivemos na Amazônia e que permanece ativo por causa do significado sociocultural que se mantém vivo; no mundo ocidental apenas um significado é reconhecido: a produção material e seu

consumo massivo. Dessa maneira, o Estado Nacional (FARIA, 1997) desconsidera a diversidade das concepções culturais de vivências e sabedorias dos povos indígenas.

Na leitura do mundo Munduruku, a representatividade que a floresta exerce se dá com a representação feminina denominada de mãe da mata, dos animais e das águas. A figura masculina só irá aparecer nos elementos imateriais que são subordinados à mãe da mata. Por isso, a postura holística Munduruku é manter a vida que está salvaguardada na floresta, inclusive, a nossa, o respeito é essencial.

Enfatiza Cardoso (2021) que há uma diversidade cosmológica abstrata presente no território de aparições místicas e que deixa vulnerável qualquer Munduruku, por isso, o autocuidado em saúde biossocial é fundamental na limpeza do *corpus* indígena. Deste modo, o autor cita alguns dos *ethos* ativos que podem ser considerados: o pajé do mal, que vem do submundo dos aquáticos, terrestres ou dos ares. Eles também são chamados de espírito-encantados, em outras palavras, é aquele que se imaterializou na territorialidade Munduruku.

O *Taufú*, segundo os anciões é um ser místico mais letal, considerado um tipo de pajé do mal que aterrorizou muitos homens Munduruku, cujo alvo principal é mais os homens porque se torna objeto fácil, uma vez que eles são atraídos pela bebida em festividade, conhecido na língua Munduruku como *cãweri* (bebida ou cachaça tradicional). O *Taufú* prepara sua bebida e dentro coloca substância que se parece com ayahuasca deixando hipnotizado qualquer Munduruku que beber. Destarte, Cardoso (2021, p. 33) afirma que: “O *Taufú* se apresentava como seres humanos normais, mas com aparência de muita palidez em sua face”.

Sua aparência enganosa faz os Munduruku acreditar que é um parente fazendo uma visita ou que vem compartilhar junto na participação da festividade na aldeia. Mas sua estratégia é oferecer a bebida, fazer convite e levar o homem Munduruku a outro lugar e assim poder realizar um ritual de hipnotização. Feito isso, ele retira apenas os órgãos, colocando dentro do corpo folhas vegetais. O homem Munduruku permanece vivo durante sete dias, esgotando esse período ele falece totalmente desnutrido.

Taufú mora no subsolo, atualmente está preso pelo poder da pajelança Munduruku. Dessa forma, só poderia ser morto ou detido pelo pajé Munduruku que se utiliza do cigarro feito da casca da árvore de tauari *Couratari guianensis* (que na língua Munduruku significa Canumã, nome do rio que percorre o interior do território) para hipnotizar o ser malvado, além de empregar sua flecha de paxiúba *Socratea exorrhiza* e bambu herbáceo para

conseguir tirar a vida do *Taufú*. Na aldeia Kwatá, na Terra Indígena Kwatá/Laranjal, o pajé Munduruku desativou o portal de entrada dos *taufús* com o rito da pajelança, mas alerta os indígenas a ficarem bem longe da entrada do subsolo para que a porta onde estão presos os seres perversos não sejam ativados novamente.

Segundo os anciões, outro ser místico malvado é o *Matin*, este é do ar e aparece em noites escuras e sombrias com o alvorecer da última lua nova, no cair da noite; sem a lua nova ninguém saía de casa. Algumas vezes, o *Matin* pode pega todos de surpresa com seu canto de assobio fino ensurdecedor, vê-lo é impossível devido à escuridão da noite, mas em altos voos podemos ouvi-los pelo canto de assobio. Geralmente, os atingidos pelos assobios do *Matin* apresenta sintomas como grande dor na cabeça, dor na nuca e no pescoço, e é nesse momento que o pajé entra em ação e lança a cura dos indígenas mediante remédios, defumação tradicional e com o fio de curauá (*Ananas erectifolius*) (cuja planta é parecida com o abacaxi e produz excelente fibra), de modo que consegue deter e lançar numa prisão a entidade voadora para que ela não volte mais a perturbar em nosso mundo.

Outro ser que está presente nas vivências do povo Munduruku e permanece ativo é o boto vermelho *Inia geoffrensis spp*, o qual se materializa ao mesmo tempo se imaterializa. Ele é do mundo subaquático que se deixa atrair pelo ciclo menstrual e pós-parto da indígena mulher ou da não indígena. É considerado um *ethos* ativo letalmente para mulheres, crianças e rapazes; sua aparição ocorre na lua nova e ele se apresenta como homem com vestimenta e chapéu branco. O cuidado com as mulheres no período do ciclo menstrual e pós-parto é muito importante na aldeia. Durante este período, a indígena não pode sair da casa, nem fazer trabalhos domésticos, pois de acordo com os anciões, seu corpo está impuro e vulnerável, por isso, o resguardo menstrual e pós-parto é fundamental na prevenção da saúde da mulher, mas também de todo o povo Munduruku.

No universo Munduruku, outro importante ser ativo da natureza é a mãe da mata. Ela é uma senhora que reina na floresta e abriga muitos agentes externos imateriais que são os *ethos* ativos considerados letais para quem ousar entrar sem sua permissão e exagerar em retirar a produção da floresta, seja de coleta extrativista ou alimentação de caça. Ela nunca é vista, a não ser os guardiões que exercem um poder de proteção na territorialidade dos elementos sagrados. Na floresta, o povo Munduruku acredita que em cada territorialidade, existe um ser encantado, mas com a missão de proteger determinados lugares, assim como nossos territórios físicos contra a invasão não indígena.

Tem-se ainda outros *ethos* conhecidos pelos Munduruku são o Curupira, Mapinguari, Jurupari, Uirapuru, Juma, Maria Rosa Boyawaçu (cobra grande) e demais seres presentes nos submundos da floresta. Todos estes, lançam sobre um corpo indígena frágil os seus poderes males e quando a espiritualidade não está preparada é atingida diretamente. E na perspectiva de outros povos do Rio Negro como, por exemplo, do povo Tukano “[...] a pessoa fica vulnerável, sem proteção e sem resistência, logo, pode ser atingida por diferentes *doatise* por *duhtitise* provocados por agentes externos como os ataques dos *waimahsã*³” (BARRETO, 2021, p. 88). Com relação aos territórios sagrados onde se tornou uma fundação ancestral que é a criação de povo, é possível entender que todos estes agentes fazem parte da cultura no território e que todos os povos mantêm sua especificidade de conhecimento.

De certa forma, o saber indígena Munduruku é resultado de um entendimento cósmico de produção ligado a um fenômeno cultural da natureza, e cada território é por si um instrumento de cada etnia. A floresta é um lugar que oferece condições filosóficas, seja para indígenas e não indígenas, vivemos entre dois mundos sendo o físico visível e dos invisíveis, mundos mencionados pelos pajés Munduruku como os subaquáticos, da terra e do ar. Essas experiências de vidas Munduruku ajuda a entender que não são fantasias muito menos mitológicas, mas é uma história viva, secular e ancestral que só confirmam que a floresta tem poder sobre a ação do homem e subdivide em microterritório em diferentes territórios indígenas.

Alguns dos seres místicos como o *Taufú* e o *Matin* que estão aprisionados no universo Munduruku, podem ser soltos ou reaparecer com o desequilíbrio que o homem branco causa na natureza. De acordo com os anciões, enquanto a natureza permanece em equilíbrio os seres místicos permanecem selados, mas se houver uma mudança drástica no ecossistema da natureza, o mundo Munduruku pode sofrer novamente com estes seres e seus males que são letais. É claro, que no mundo Munduruku se dá de maneira diferente porque tem sua especificidade de como a natureza é manifestada e como podemos aprender com ela. E para além disso, os Munduruku, na proteção de seus bens corpóreo e incorpóreo, seguem a

³ *Doatise* (doenças); *duhtitise* (ataques); *waimahsã* (humanos invisíveis), termos presentes na tese de Barretos (2021). Na concepção de Barreto (2013; 2021, p.32), este último se refere aos “que habitam os domínios da terra, da floresta, do ar e da água; que possuem capacidade de metamorfose e de camuflagem, assumindo (vestindo a roupa) a forma de animais e de peixes e adquirindo suas características e habilidades físicas; como a fonte de conhecimento”.

orientação do pajé Munduruku, dos anciões e das indígenas parteiras, também usam plantas medicinais feitas em chás, banhos e defumações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas percepções, vivências e entendimento de mundo ao qual vivemos e dos submundos que conhecemos no território indígena e, principalmente, Munduruku, se apresenta como um modo de vida cultural e relevante. Romper o paradigma imposta pela episteme ocidental é trazer de volta a sabedoria indígena.

A origem de um povo está ligada com o físico, terra, animais, aves e floresta, que para os Munduruku essas relações são os principais fios condutores ligados a sabedoria, a ação da pajelança é responsável para lidar com certas situações invisíveis dos diferentes mundos amazônicos.

No contexto de conhecimento da força da natureza, o pajé é a primeira autoridade máxima. A autoridade do pajé é primordial porque sua sabedoria emana principalmente da natureza com os seres místicos. A pajelança é uma prática da espiritualidade que vem ligado também à cultura ancestral. No caso dos Munduruku do Amazonas é mais uma espiritualidade ligado à ancestralidade, porque conseguimos sentir o invisível da natureza e lidar com esses fenômenos que nos rodeiam enquanto um corpo que está sujeito a sofrer penalidade demandado por estes seres invisíveis, sendo até mesmo o jurupari.

Portanto, em uma perspectiva científica, o entendimento da criação do mundo é resultado da colisão entre estrelas, chamado Teoria Big-Bang e não Mitologia Big-Bang. Dessa maneira nos questionamos, porque o entendimento da criação do mundo na perspectiva indígena é considerado mito? Todos os fatos descritos são vivências resultantes de uma identidade sociocultural viva baseada em valores cosmológicos e cosmogônicos de um corpo florestal que integra o mundo Munduruku — que tanto se entende pela física material quanto imaterial, sendo assim, ecocêntrico, holístico. Para nós, povos indígenas, é necessário decolonizar a episteme ocidental e entender a dos nossos ancestrais porque somos parte da natureza como um todo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA SILVA, Adnilson de; SILVA, Carlandio Alves da; SANTOS, Sheila Castro dos; MEDEIROS, Adriana Francisca de; SURUI, Almir Narayamoga. O ritual Mapimaí no processo de construção da territorialidade Paiter Suruí. **Confins**, n. 24, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10218>. Acessado em 20 jun 2021.

BARRETO, João Paulo Lima. **Kumuã na kahtiroti-ukuse**: uma “teoria” sobre o corpo e o conhecimento-prático dos especialistas indígenas do Alto Rio Negro. Tese de doutorado, UFAM, Manaus. 2021. Disponível em: https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/8289/5/Tese_Jo%C3%A3o%20Paulo_PPGAS.pdf. Acessado em 11 fev 2022.

BARRETO, João Paulo Lima. **Waimahsã** – peixes e humanos. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus-AM, 2013. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/4629/2/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20-%20Jo%c3%a3o%20Paulo%20Lima%20Barreto.pdf>. Acessado em 11 fev 2022.

CARDOSO, Estélio Lopes. **Territorialidade, modos de vida e percepção ambiental do povo Munduruku na Terra Indígena Coatá/Laranjal**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Geografia). Manaus: UEA, 2021.

DURAN, Luis Abraham Cayón. **Penso, logo crio. A teoria Makuna do mundo**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia, Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Antropologia Social. Brasília, 2010.

DIAS-SCOPEL, Raquel; SCOPEL, Daniel; LANGDON, Esther Jean. **Gestação, Parto e Pós-parto entre os Munduruku do Amazonas**: confrontos e articulações entre o modelo médico hegemônico e as práticas indígenas de autoatenção. *ILHA - Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 183-216, 2017.

FARIA, Ferreira Ivani. **Território Indígena**: o direito imemorial e o devir. Dissertação (Mestrado em Geografia). São Paulo: FFLCH/USP, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Francisco Jorge dos (Org). Dossiê Munduruku: uma contribuição para a história indígena da Amazônia colonial. **Boletim Informativo do Museu Amazônico**. Manaus: Fundação Universidade do Amazonas, 1995.

SCOPEL, Daniel; DIAS-SCOPEL, Raquel; LANGDON, Esther Jean. A cosmografia Munduruku em movimento: saúde, território e estratégias de sobrevivência na Amazônia brasileira. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 13, n. 1, p. 89-108, jan.-abr. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=394056632004>. Acessado em 10 jan 2022.



XV
ENAN
PEGE

ENCONTRO NACIONAL DE
PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA EM GEOGRAFIA

SPÓSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia:** Contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.